Apocalipse Trump: Notas sobre a Convenção Nacional do Partido Republicano 2016.

Leonardo Bueno França¹

Entre os dias 18 e 21 de julho, o Partido Republicano realizou sua Convenção Nacional para oficializar a escolha do empresário e personalidade de mídia Donald Trump como candidato à presidência dos EUA. O artigo tem por escopo analisar o perfil dos palestrantes assim como seus discursos.

Às vésperas de sua Convenção Nacional, os republicanos ainda não tinham confiança de que Trump conseguiria unificar o partido ainda que ele demonstre uma capacidade brilhante para canalizar o descontentamento entre os eleitores republicanos. “Um padrão que emerge é que as pessoas que apoiam Trump dentro do partido tendem a ser funcionários não eleitos, alguns deles militares reformados e líderes de grupos cristãos conservadores”².

A desunião é tão significativa que vários notáveis do partido têm endossado apoio à adversária direta Hillary Clinton ou mesmo ao candidato Gary Johnson do Partido Libertário, outros afirmam apoiar o candidato do partido, mas sem oferecer um endosso oficial. A lista é extensa³.

1

Logo no primeiro dia, a esposa do magnata, Melania Trump, enfrentou uma acusação de plágio de um discurso utilizado por Michelle Obama na Convenção Democrata de 2008. Meredith McIver, funcionária das Organizações Trump, assumiu o plágio.

O tema levantado no primeiro dia de convenção se focou em como tornar a América segura novamente (*Make America Safe Again*). Cinco pontos a serem destacados neste primeiro dia. Primeiro, a ofensiva ao caráter e à atuação de Hillary Clinton à frente da Secretaria de Estado, especificamente sobre o ataque ao consulado dos EUA na Líbia em 2012 (Benghazi). Em segundo, as críticas contundentes à política de imigração. Terceiro, total desprezo ao Obamacare (*Affordable Care Act*). Quarto, afirmações sobre Obama ter segregado racialmente o país e, em último, com maior ênfase, a ampla apologia ao Estado Policial aliado à espetacularização do ressentimento em relação às mortes de norte-americanos por estrangeiros dentro e fora do território dos EUA.

Em meio a subcelebridades como Willie Robertson, CEO da *Duck Commander*, empresa de equipamentos de caça a patos e apresentador de um *reality show* sobre o sucesso de sua família

¹ Pesquisador do Núcleo de Estudos em Arte Mídia e Política (NEAMP-SP).

² Op. Cit. <http://www.msnbc.com/msnbc/meet-the-republicans-speaking-out-against-trump>

³ Cf. <http://www.msnbc.com/msnbc/meet-the-republicans-speaking-out-against-trump>

em caçar patos; Scott Baio, ator e diretor que emprestou seus dotes carismáticos também nas campanhas de Ronald Reagan e Mitt Romney; do ator, *stripper* e modelo Antonio Sabato Jr, que além de acreditar profundamente que Barack Obama é muçulmano⁴, apresentou um *reality show* (*My Antonio*) no qual várias mulheres competiam para se tornar sua namorada, uma série de indivíduos rancorosos com a presença de imigrantes ilegais juntaram sua voz a ex-militares convictos de uma política isolacionista no que concerne à segurança nacional, tema clássico na mente dos neoconservadores republicanos que, com exceção de Donald Rumsfeld, ex-Secretário da Defesa de George W. Bush e arquiteto da guerra do Iraque e de alguns poucos remanescentes da gestão Bush (pai e filho), às vésperas da Convenção, ainda demonstravam aversão à figura de Donald Trump.

O patriotismo bélico e a heroificação do soldado-combatente-guerreiro defensor do estilo de vida estadunidense como referencial identitário ao lado do medo e do pavor do “outro” como estratégia cognitiva, permeou todas as falas e, obviamente, nenhuma dessas vozes ressaltou que a imigração ilegal pelas fronteiras dos EUA caiu para seu nível mais baixo em mais de 40 anos⁵.

Algumas informações não condizem com os fatos. Marcus Luttrell ex-membro das forças especiais da Marinha (SEAL), escritor de livros sobre a temática militar (*The Lone Survivor* que impulsionou a criação de uma ONG com o mesmo nome), Pat Smith, mãe de um sargento da Força Aérea dos EUA morto durante o ataque ao consulado dos EUA em Benghazi e Mark Geist e John Tiegen veteranos da Marinha dos EUA que lutaram no ataque ao afirmaram que Hillary Clinton, enquanto Secretária de Estado, “fracassou em proteger seu povo” embora não tenha havido nenhuma evidência direta da participação de Hillary no fracasso da operação, nas nove investigações realizadas sobre o ocorrido⁶.

O tom emotivo ressurgiu quando Kent Terry e Kelly Terry-Willis irmãos de um patrulheiro morto na fronteira com o México e gestores da ONG *The Brian Terry Foundation*, que presta assistência aos policiais na fronteira, também culpavam o Governo Obama por falhas na política de combate ao contrabando de armas, ainda que os EUA sejam os maiores exportadores de armas convencionais do mundo, de acordo com o mais recente estudo do *Stockholm International Peace Research Institute* (SIPRI)⁷. Mary Ann Mendoza, Sabine Durden, Jamiel Shaw e Karen Vaughn reforçaram o “time” das pessoas que tiveram familiares mortos diretamente ou indiretamente por “estrangeiros”.

Quanto aos políticos profissionais, logo de início, Rick Perry (2000-2015), ex-Governador do Texas que assumiu após a renúncia de George W. Bush e também ex-piloto-capitão da Força Aérea dos EUA que a poucos meses tinha chamado Donald Trump de “câncer

⁴ Cf. <http://www.vox.com/2016/7/18/12220408/president-obama-muslim-sabato>;
<http://www.politico.com/story/2016/07/antonio-sabato-obama-muslim-225788?cmpid=sf#ixzz4Ep2Fi5c2>

⁵ Cf. <http://edition.cnn.com/2013/02/13/politics/fact-check-immigration/>

⁶ Cf. <http://www.nytimes.com/2016/06/29/us/politics/hillary-clinton-benghazi.html>

⁷ Cf. <https://www.sipri.org/databases/armsindustry>

do conservadorismo”, pode ser considerado um dos exemplos do “racha histórico” na estrutura organizativa do Partido Republicano. Interessado em algum posto numa suposta administração Trump, Perry levanta a bandeira dos “veteranos de guerra”.

Michael McCaul, deputado pelo estado do Texas desde 2005, membro do Comitê de Segurança Nacional, se referiu especificamente ao aumento significativo no número de refugiados sírios nos EUA aceitos graças aos programas de imigração de Obama, *Deferred Action for Childhood Arrivals (DACA)* e *Deferred Action for Parents of Americans (DAPA)*. Desde o início dos conflitos na Síria em 2011, estes programas aceitaram 1.500 refugiados. Em uma entrevista à CBS News, Hillary Clinton afirmou a intenção de ampliar esse programa entre 10 mil e 65 mil refugiados⁸, decisão que certamente desagrada a todos os republicanos.

David Clarke, xerife do condado de Milwaukee do qual a Associação Nacional do Rifle levantou fundos para suas campanhas, crítico voraz do movimento *Black Lives Matter* (a vida dos negros importa) e uma das principais vozes comoventes do movimento *Blue Lives Matter* (a vida dos policiais importa), foi um dos destaques. Talvez David Clarke possa ser considerado o segundo grande “terrorista” da noite, pois grande parte de seu curto discurso foi dedicado ao medo dos cidadãos norte-americanos com o aumento da criminalidade.

Na cultura do medo, como bem sabem os ícones do republicanismo recente (Bush pai e Bush filho), a estratégia adequada é manter a percepção do perigo sempre acima do nível de risco estatisticamente revelado⁹. A opinião pública sobre a preocupação com a violência de fato aumentou 14 pontos percentuais desde 2014 segundo a agência de pesquisa Gallup¹⁰, embora dados do FBI indiquem que a taxa de criminalidade violenta nos EUA diminuiu 27,6% entre 2001 e 2014¹¹.

Darryl Glenn, comissário do condado de El Paso, nominado pelo partido para o Senado pelo estado do Colorado, acusou Obama de dividir racialmente o país. Por certo, de acordo com pesquisa realizada pelo *Pew Research Center*, brancos e negros estão divididos sobre o estado atual das relações raciais e sobre os progressos concretos da administração Obama sobre o assunto. A percepção de brancos, negros e hispânicos difere quando o assunto se resume a relações raciais; 45% dos brancos consideram as relações raciais ruins, contra 61% dos negros e 58% dos hispânicos. No entanto, quando a pergunta é se Obama fez progressos nas relações raciais, 58% dos negros consideram que sim contra 38% dos hispânicos e 28% dos brancos¹².

Reconhece-se que desde 2014, em virtude da atuação do movimento *Black Lives Matter*, os ânimos e as opiniões “ao calor dos eventos” sugerem que a questão racial nos EUA não evoluiu

⁸ Cf. <http://edition.cnn.com/2016/07/18/politics/gop-convention-speeches-fact-check/>

⁹ Cf. GLASSNER, Barry. *Cultura do Medo*. São Paulo: Francis, 2003.

¹⁰ Cf. <http://www.gallup.com/home.aspx>

¹¹ Cf. <https://ucr.fbi.gov/ucr>

¹² Cf. <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2016/06/27/key-takeaways-race-and-inequality/>; <http://www.pewresearch.org/topics/race-and-ethnicity/>

muito, mais especificamente no que tange à relação das minorias com a política local e os tribunais regionais.

Michael Flynn, tenente general aposentado do exército dos EUA, ex-presidente do Conselho de Inteligência Militar e um dos escolhidos para Vice na chapa de Trump, dirigiu a Agência de Inteligência de Defesa dos EUA de 2012 a 2014 quando Obama buscou uma solução diplomática após Bashar al-Assad usar armas químicas contra os rebeldes sírios no exato pós-Primavera Árabe. Ele se referiu à decisão de Obama em recuar em relação aos ataques aéreos em retaliação a Bashar al-Assad numa clara distinção de estilos de liderança a que Joseph Nye, cientista político neoliberal, chama de *hard-power* (liderança político-militar) e *soft-power* (liderança político-diplomática)¹³.

Jeff Sessions, senador pelo estado do Alabama, membro do Comitê de Serviços Armados e presidente da Subcomissão de Imigração e Interesse Nacional focou o seu discurso no que chamou de “desastre econômico” pelo “constante declínio da classe média”, cujo os rendimentos seriam em 2016, US\$ 4.186 por ano a menos do que em 1999. Contudo, o ano de 2014 marca o quarto ano consecutivo em que o número de pessoas em situação de pobreza não foi estatisticamente diferente da estimativa do ano anterior. O rendimento médio real das famílias brancas não-hispânicas diminuiu 1,7% entre 2013 e 2014. As alterações não foram estatisticamente significativas para qualquer um dos outros grupos raciais. Isto é, embora, de fato, a renda da classe média branca não-hispânica tenha caído, a afirmação não é válida para “todos os americanos” ainda que a renda de todos não tenha melhorado significativamente. Nos EUA, desde 1993, o índice de Gini aumentou 5,9%¹⁴.

A retórica do senador não surpreende, uma vez que Trump vence entre os eleitores homens brancos de classe média e, sobretudo, pelo fato de que a base social tradicional do partido republicano nunca deixou de ser a classe trabalhadora branca de meia-idade que também sofreu dos efeitos da globalização. Terminou o seu discurso afirmando que “Donald Trump vai matar o Obamatrade, construir a parede e fazer a América grande novamente”.

Certamente o discurso mais inflamado foi o do ex-prefeito de Nova York, Rudolph Giuliani (1994-2001), lembrado por sua gestão após o 11 de setembro e que lhe conferiu reputação o suficiente para abrir uma empresa de gestão de segurança a Giuliani Partners. Giuliani não colocou tanta energia em um discurso nem para si mesmo quanto o fez por Donald Trump. Giuliani concorreu pela nomeação presidencial do partido para o pleito de 2008 ao qual foi derrotado pela chapa John MacCain/Sarah Palin.

Motivo de chacotas nas redes sociais em razão de sua performance espalhafatosa, Giuliani ganhou a medalha de ouro no quesito “terrorista” da noite. Iniciou seu discurso dizendo que “a

¹³ Cf. NYE, Joseph. “Hard and Soft Power in American Foreign Policy” Paradox of American Power, pp. 4–17, 2002..

¹⁴ Cf. <http://www.census.gov/newsroom/press-releases/2015/cb15-157.html>

grande maioria dos norte-americanos se sente insegura, temem por seus filhos, temem por si mesmos”. E qual é a fonte de toda a insegurança estadunidense: o terrorismo extremista islâmico”.

De acordo com a agência de pesquisa Gallup, o terrorismo era, de fato, em dezembro de 2015, a maior preocupação dos cidadãos norte-americanos, mas o índice caiu na última pesquisa realizada em março de 2016. A primeira preocupação dos cidadãos norte-americanos no primeiro trimestre do ano é com a disponibilidade e acessibilidade dos cuidados de saúde, em segundo lugar vem a preocupação com a economia, em terceiro o crime e a violência e apenas em quarto lugar vem a preocupação com a possibilidade de futuros ataques terroristas, logo à frente da fome e da moradia e o uso de drogas.

O medo de ataques terroristas é particularmente alto entre os mais velhos e aumenta conforme a idade, entre 50 e 64 anos (49%) com mais de 65 anos (58%). “A preocupação com possíveis ataques terroristas também difere por partido. Os republicanos (64%) são muito mais propensos do que os democratas (36%) ao dizer que se preocupam "muito" sobre a possibilidade de futuros ataques terroristas nos EUA. Cerca de metade dos independentes (48%) também compartilham esse grau de preocupação”¹⁵.

A contundência da performance de Giuliani sugere que ele apoia a política “trumpista” de segregação completa aos muçulmanos. O ex-prefeito de Nova York acentuou que Trump "vai reafirmar a posição dos Estados Unidos como a nação com os melhores valores para liderar o mundo". Giuliani, assim como outros na mesma noite, acusou Obama de dividir racialmente o país, mas, talvez, ele tenha esquecido de olhar a conta do *Twitter* de Trump quando ele afirmou que os negros e os hispânicos são os responsáveis pelo aumento da criminalidade¹⁶. Giuliani se colocou como o defensor mais voraz da pessoa do magnata, afirmando que “ele é um homem com um grande coração que ama as pessoas em todas as direções”.

2

No segundo dia, foi confirmada a vitória de Trump com 1.725 delegados em 37 estados (recorde na história das plenárias republicanas) e o tema foi “fazer a América funcionar novamente” (*Make America Work Again*). Quatro pontos a serem destacados no segundo dia. Primeiro, a intensificação dos ataques ao caráter de Hillary Clinton. Segundo, o culto à personalidade de Trump como *líder empresarial eficaz*, apto a ser um “*boss*” da nação. Em terceiro, o desprezo às minorias e a qualquer política pública direcionada às minorias e, em quarto, as tentativas frustradas de unificação dos valores do republicanismo com os valores do trumpismo.

O evento inicia com Sharon Day, co-Presidente do Comitê Nacional Republicano. Militante republicana a mais de vinte anos, ela hostiliza Hillary Clinton afirmando o que Trump já havia afirmado, que Hillary “atacou violentamente o caráter das mulheres que foram abusadas

¹⁵ Cf. <http://www.gallup.com/poll/190253/worry-terror-attacks-high-not-top-concern.aspx>

¹⁶ Cf. <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/342190428675796992>

nas mãos por seu marido”. Na política na era da reputação, a senhora Sharon Day, no alto de seu puritanismo, condena moralmente a atitude de Hillary em buscar manter o seu casamento.

Asa Hutchison, Governador do estado de Arkansas, ex-diretor do Departamento de Justiça dos EUA no combate ao tráfico de drogas (*Drug Enforcement Administration-DEA*), ex-Primeiro Secretário do Departamento de Segurança Interna (*Border & Transportation Security*), um dos procuradores ligados ao processo de *impeachment* de Bill Clinton em 1998-9, ressaltou que Donald Trump representa um *estilo diferente de liderança*, “o exato tipo transparente que fala de forma direta”, ou seja, “*que não faz política*”. Para Hutchison, Trump é o modelo de “liderança eficaz”, tema tão abordado pelos teóricos organizacionais. Curiosamente, Hutchison havia endossado Marco Rubio como candidato presidencial, já em fevereiro de 2016 o Governador chamou o Arkansas a “impedir o show de Donald Trump”¹⁷.

Leslie Rutledge, procuradora-geral pelo estado do Arkansas foi um dos pontos altos que chamaram a atenção nas redes sociais. Exaltando sua qualidade como legítima representante da identidade coletiva do Arkansas, “mulher casada com agricultor, que carrega uma arma e é conservadora”, orgulhosa de ser a primeira mulher eleita para a procuradoria geral de seu estado, ao final de seu discurso denunciou o que realmente está em jogo para ela ao dizer que “Hillary Clinton deveria ir para sua própria casa e não para a Casa Branca e deveria levar Ruth Bader Ginsburg com ela”. Ruth Bader Ginsburg é uma juíza adjunta da Suprema Corte dos EUA, é tida como alguém que buscou defender os interesses das minorias, ficou conhecida nas redes sociais após a decisão do Supremo Tribunal dos EUA no caso *Shelby County v. Holder* que derrubou alguns pontos da Lei de Direito de Voto de 1965 que estimulava a discriminação racial no ato da votação. A vaidosa procuradora parece mirar postos mais altos e o fato de ter se pronunciado via *e-mail* de forma racista certamente a coloca no lado oposto da Juíza Ginsburg¹⁸.

Michael Mukasey, ex-procurador-geral dos EUA, se concentrou exclusivamente em controvérsias que cercam a candidata democrata no que tange ao ataque à embaixada em Benghazi e o fato de Hillary ter usado provedor pessoal de e-mails para comunicações oficiais. Mukasey não mencionou o nome de Trump em nenhum momento. Em janeiro de 2016, o ex-procurador-geral assinou, junto a outros renomados neoconservadores, um documento publicado pela *National Review* intitulado “Conservadores contra Trump”¹⁹, afirmando que Trump colocaria em perigo a segurança nacional e suas propostas “iriam assegurar a inimizade de todos os muçulmanos, incluindo aqueles cujo apoio precisamos, se quisermos vencer”. Trump violaria leis básicas do conflito armado ao confundir alvos militares com alvos civis incorrendo possivelmente

¹⁷ Cf. <http://heavy.com/news/2016/07/asa-hutchinson-wife-susan-bill-clinton-impeachment-dea-arkansas-governor-rnc-speaker-trump/>

¹⁸ Cf. <http://www.arktimes.com/ArkansasBlog/archives/2014/10/09/that-racist-leslie-rutledge-email>

¹⁹ Cf. <http://www.nationalreview.com/article/430126/donald-trump-conservatives-oppose-nomination>

em crimes de guerra. Mukasey afirmou que os EUA precisam de uma “liderança responsável apta a exercer uma estratégia baseada na realidade”. Ele não pareceu acreditar que Trump seria, em todo o caso, “responsável”.

Andrew Wist, que é um mistério até mesmo para o jornal *The Washington Post*²⁰, assim como Dana White, presidente do UFC, a jogadora de golfe Natalie Gulbis, a filha mais nova de Trump, Tiffany Trump, apresentaram-se mais como legítimos representantes de uma bem-sucedida empreitada profissional destacando características pessoais de um líder de sucesso “leal, forte e caridoso, realizador e confiante”. Ron Johnson, Senador pelo estado do Wisconsin e Chris Cox, Diretor executivo da *National Rifle Assotiation* (NRA) defenderam a indústria armamentista e o direito constitucional ao porte de armas de fogo.

Mitch McConnell, Senador Líder da Maioria no Congresso pelo estado de Kentucky, praticamente se desculpou por ter falhado como líder da maioria no Senado ao não conseguir a aprovação de Obama sobre projetos de lei de interesse dos republicanos. McConnell que, assim como outros líderes republicanos, lutou arduamente contra a indicação do *outsider* Trump, no entanto, deu a entender que o “ímpeto predador” do líder empresarial pudesse ser contido pelo republicanismo “sensato”.

Talvez o discurso mais “polido” tenha sido o de Paul Ryan, Presidente da Câmara dos Deputados e principal voz do partido no que se refere à política macroeconômica. Ryan concorreu como vice-presidente na chapa de Mitt Romney na eleição presidencial de 2012 perdendo para Barack Obama e seu vice Joe Biden. O Presidente da Câmara pediu união ao fraturado “partido de Abraham Lincoln”, entretanto, parece que os eleitores clássicos do republicanismo estão mais propensos à abordagem populista de Trump. O conservadorismo fiscal de Ryan em sua disposição para reduzir os gastos do governo com segurança não fecha com o discurso militarista exposto pelo candidato e pelos palestrantes selecionados. Neste aspecto, Trump e sua base social, representam uma contradição na plataforma republicana.

Como todo bom conservador adepto do Estado consensualista, Ryan acusou os democratas de “dividir” as pessoas e de jogar com a *política de identidade* afirmando que a convenção democrata seria um “infomercial de quatro dias de moralização sobre o politicamente correto”. Nesse ponto ele está com Trump. O magnata vem ao longo da campanha reiterando incoerentemente que é o candidato da lei e da ordem que, todavia, não medirá esforços para atuar de forma *politicamente incorreta*.

Em tom muito mais agressivo, Chris Christie, Governador de Nova Jersey, ex-Candidato nas primárias republicanas 2016, literalmente liberou a “caça às bruxas” ou “à bruxa”. Numa espécie de tribunal aberto à opinião pública, Christie propôs “fazer algo divertido” e retornar

²⁰ Cf. <https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2016/07/14/who-is-andrew-wist-the-mystery-man-speaking-at-the-republican-convention/>

ludicamente aos seus dias como promotor federal para julgar a performance e o caráter de Hillary Clinton em sua atuação como Secretária de Estado.

Aos gritos de “*lock her up*” (prendam-na) e “*guilty*” (culpada), o público respondia a cada indagação simplista do governador. As falhas de julgamento de Hillary Clinton sobre a forma como lidar com o ditador Muammar Gaddafi na Líbia ou seus comentários sobre o presidente Bashar al-Assad na Síria em ser um “reformador” e “um tipo de líder diferente” apenas ilustram a hipocrisia de Christie ao usar o sofrimento da população da Síria e da Líbia como resultado de decisões inconsistentes do governo dos EUA perante um público sedento pelo sangue muçulmano.

Como o governador não estava ali preocupado em contextualizar sua sentença, também a atuação de Hillary na Nigéria mereceu sua atenção junto aos berros do público republicano, muitos sacudindo seus chapéus de “*cowboy*”. Acusada de promover uma “filial da Al-Qaeda na Nigéria”, o grupo Boko Haram, ainda que não haja nenhuma evidência de que Hillary tenha diretamente trabalhado para manter o grupo fora da lista de organizações estrangeiras, o público pediu, obedientemente, a sua “cabeça”²¹.

Uma falha de contexto grotesca por parte Christie e quem quer que o tenha ajudado a escrever o discurso ocorreu em razão da atuação do Boko Haram quando 276 meninas foram sequestradas. Christie menosprezou a campanha no twitter *#bringbackourgirls* em abril de 2014, quando Hillary Clinton já não era Secretária de Estado (ela saiu do cargo em fevereiro de 2013). É absolutamente impossível afirmar que um suposto “atraso” na decisão de encaixar o Boko Haram como grupo terrorista teria salvado a vida das mais de duzentas garotas. “O presidente Barack Obama autorizou o envio de 80 soldados norte-americanos cerca de um mês após o evento, em um esforço para ajudar na sua busca pelas meninas. Nesse sentido, avaliar a alegação de que a “solução da equipe de Obama/Clinton” se resumia apenas a uma mera “campanha *hashtag*” é enganosa”²². O discurso de Christie daria um artigo à parte.

Donald Trump Jr., cumpriu o seu papel ao defender o pai como um “líder que vê potencial nos outros e que os empurra para o sucesso”. Para elaborar o seu discurso, Junior teve ajuda de Francis H. Buckley, professor da *George Mason University School of Law*, reconhecido escritor de discursos para neoconservadores republicanos. A cada frase proferida por Junior nota-se uma apologia à ética profissional e do “*self made man*” “que não aprendeu o seu ofício em cursos de MBA, mas com as pessoas que tinham doutorado em senso comum”. Junior esqueceu dos três processos judiciais da *Trump University* que promove cursos que prometem aos alunos enriquecer facilmente à base de mensalidades “salgadas”. Eric Schneiderman, procurador-geral de Nova York, que entrou com um processo contra a Trump University em 2013, afirmou que a Universidade Trump é uma fraude e que as pessoas foram levadas a acreditar que estavam

²¹ Cf. <http://www.reuters.com/article/us-usa-security-bokoharam-idUSBRE84H01I20120518>

²² Cf. <http://edition.cnn.com/2016/07/19/politics/gop-convention-speeches-fact-check/>

recebendo segredos pessoais de Trump durante tempos econômicos difíceis²³. Junior pintou o pai como um super-herói do capitalismo capaz de realizar o impossível e Hillary como quem teve parte na ampliação de um burocrático “Estado regulador regrado a esteroides”.

Outro “personagem” que chamou atenção foi Ben Carson, ex-candidato nas primárias de 2016. Carson é tido como um exemplo de trajetória pessoal ao nascer em família pobre e ter trabalhado em empregos humildes antes de se tornar um neurocirurgião renomado. Além de ser um cientista reconhecido com mais de 100 publicações, tendo sua vida inclusive retratada no Cinema (*Gifted Hands: The Ben Carson Story*) e, que em seu discurso, exaltou bastante o aspecto racional do ser humano, Carson é evangélico. A religião desempenha um papel proeminente na narrativa pessoal de Carson e é facilmente verificável na trajetória de sua campanha dentro do partido no qual ele é também considerado um *outsider*.

Crente da Igreja Adventista do Sétimo Dia que prega pela iminente segunda vinda de Jesus Cristo (segundo advento), no que concerne à política, Carson não é bem um grande exemplo de pragmatismo. O neurocirurgião aposentado e ex-candidato presidencial usou a imagem de “Lúcifer” contida no livro *Rules for Radicals: A Pragmatic Primer for Realistic Radicals*, escrito em 1971, pelo ativista de programas de ação comunitária Saul Alinsky (investigado pelo FBI por ser considerado um agitador socialista) ao qual seria um mentor intelectual de Hillary quando ela escreveu sua monografia de graduação em 1969 na *Wellesley College* sob o título *There Is Only the Fight: An Analysis of the Alinsky Model*.

Carson afirma que Alinsky “reconhece Lúcifer” e reflete os pontos de vista progressistas seculares que tentam remover Deus da vida da nação indagando: “então, estamos dispostos a eleger alguém como o presidente que tem, como seu modelo, alguém que reconhece Lúcifer, sendo que em cada nota de dólar somos levados pela afirmação “*in God we trust*”? “Carson afirmou que o livro de Alinsky foi dedicado ao diabo, mas na verdade é em homenagem a sua esposa, Irene”. A figura bíblica de Lúcifer é descrita no livro como sendo “o primeiro radical conhecido pelo homem que se rebelou contra a ordem e o fez de forma tão eficaz que ele, pelo menos, ganhou seu próprio reino”²⁴.

3

No terceiro dia, cresceram os protestos fora da arena, bandeiras dos EUA foram queimadas e 18 pessoas foram presas em um embate entre membros da Igreja Batista de Westboro, conhecidos pelo seu discurso de ódio a homossexuais e muçulmanos e membros do *Black Lives Matter* e do grupo *Anonymous*²⁵. Três pontos a serem destacados neste terceiro dia.

²³ Cf.

http://www.salon.com/2016/06/02/watch_new_york_attorney_general_eric_schneiderman_destroy_donald_trump_trump_u_was_fraud_it_was_straight_up_fraud/

²⁴ Cf. <http://www.nbcnews.com/storyline/2016-conventions/who-saul-alinsky-ben-carson-claims-he-was-hillary-clinton-n613341>

²⁵ Cf. http://www.cleveland.com/rnc-2016/index.ssf/2016/07/a_tense_tuesday_outside_the_re.html

Primeiro, intensificação do culto à personalidade de Trump. Segundo, as tentativas de direcionar discursos às minorias no intuito de capitalizar o baixo índice de votos e terceiro, a solidificação da divisão interna ao partido.

O evento inicia com o discurso de Laura Ingraham, famosa representante do pensamento conservador norte-americano, radialista e apresentadora do programa político *The Laura Ingraham Show*. As cartas já estavam na mesa, Laura direciona seu discurso a Ted Cruz, senador pelo estado do Texas e ex-candidato nas primárias 2016 que falaria mais tarde e ainda não havia endossado apoio a Trump. Incitou o público com um suspeito discurso nacionalista-racista onde afirmou que "devemos assegurar a existência de nosso povo e um futuro para as *crianças brancas*", no qual a "América dos americanos" estaria ameaçada por dentro pela imigração ilegal e, por fora, pelo terrorismo e que os americanos deveriam unirem-se contra a "máquina Clinton".

Laura incitou o culto à personalidade de Trump como poucos conseguiram fazer e ressoará no tempo o gesto ao final de sua apresentação onde ela realizou algo extremamente parecido com a saudação romana adotada pelo Partido Nazista²⁶. As redes sociais foram às alturas e essa não seria a primeira vez que membros identificados com a ideologia da supremacia branca levantam seus braços e gritam "*Heil Trump*"²⁷. Donald Trump agradeceu a Laura Ingraham por seu discurso usando a hashtag #AmericaFirst. Em matéria publicada pela rede CNN em abril de 2016, a jornalista Susan Dunn já havia alertado para os infelizes laços que o *slogan* America First tem com a organização isolacionista e anti-semita *America First Committee (AFC)*, um grupo de pressão contra a entrada dos EUA na Segunda Guerra Mundial²⁸.

Na sequência adentra ao palco Phil Ruffin, magnata dos casinos e sócio de Trump (*Trump International Hotel* e *Trump Tower*) endossando o culto à personalidade de Trump alinhando suas qualidades como empresário com as qualidades que um Presidente deve ter, não muito diferente do que fez Harold Hamm, magnata do petróleo e gás e Lynne Patton, Vice-Presidente da *The Eric Trump Foundation* levada para falar da paixão que tem pelo seu chefe. Pam Bondi, procuradora-geral da Flórida e Rick Scott, governador da Florida, basicamente afirmaram que o Estado Islâmico precisa ser "varrido da face da Terra", que a economia está definhando, que Hillary Clinton irá pôr em perigo o direito dos norte-americanos de portar armas de fogo e que Donald Trump vai resolver tudo isso.

Eileen Collins, primeira mulher a comandar uma missão espacial, não citou o nome de Trump em nenhum momento. Embora o conservadorismo fiscal republicano tenha asco ao aumento dos gastos públicos, Eileen advogou para "aumentar a consciência sobre como o programa espacial dos EUA diminuiu ao longo dos anos".

²⁶ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=eXs8SApaNzs>

²⁷ Cf. <http://www.nydailynews.com/news/politics/donald-trump-emboldens-white-supremacist-groups-racism-article-1.2461471>

²⁸ Cf. <http://edition.cnn.com/2016/04/27/opinions/trump-america-first-ugly-echoes-dunn/>

Ralph Alvarado, senador pelo estado do Kentucky, primeiro latino a ser eleito para a Assembleia Geral de Kentucky, é um dos três descendentes de latinos entre todos os palestrantes (junto a Marco Rubio e Ted Cruz). Ele agiu na crença em aumentar os índices tão medíocres de votação dos hispânicos para candidatos republicanos (27% para Mitt Romney em 2012, 19% para Trump em 2016). Falando a favor dos imigrantes latinos legalizados que “acreditam no que os republicanos acreditam, valores tradicionais da família, igreja, fé em Deus, a dignidade do trabalho e na oportunidade de auto-suficiência de uma sociedade livre e de um governo limitado”, chamou os latinos (também falando em espanhol) a votarem contra Hillary que teria falhado com a comunidade hispânica.

Darrell Scott, pastor evangélico da *New Spirit Revival Center*, dono de uma estação de rádio AM subiu ao palco na esperança de melhorar os índices eleitorais dos evangélicos negros que votam em sua maioria em Hillary Clinton. No entanto, a defesa do pastor por uma “liderança forte” capazes de unir os americanos independentemente de raça ou religião foi pessimamente recebida nas redes sociais.

O Pastor não somente ignorou os comentários racistas de Trump ao longo da campanha como também desprezou o movimento negro de maior destaque no país nos últimos anos (*Black Lives Matter*). Grande parte da comunidade negra nos EUA simplesmente não entende como um pastor afro-americano de uma igreja afro-americana pode apoiar tão apaixonadamente um líder político preconceituoso como Donald Trump.

O pastor Scott não tem suas bases em movimentos comunitários na região de Cleveland, Ohio como notadamente outras lideranças religiosas locais²⁹. Com o foco no dinheiro, o pastor acaba por distanciar Trump do eleitorado negro, principalmente após um membro do *Black Lives Matter* ter sido espancado em um de seus comícios. Após entrevistar o pastor, o editor de política Jason Johnson, não encontrou nenhuma explicação concreta sobre como Trump poderia melhorar a relação com a congregação de Scott e com os eleitores negros³⁰. Toda a teatralidade da performance oportunista do pastor pode ser resumida pelo fato de que ao dizer que o país está dividido como nunca antes em sua história, ele simplesmente ignorou mais de 200 anos de escravidão no país.

Scott Walker, governador do estado do Wisconsin, ex-candidato nas primárias em 2016, aparentemente escreveu um texto publicitário como se estivesse a vender um produto barato para crianças com algum grau de retardamento mental. “Por que? Porque a América merece coisa melhor” (*America deserves better – slogan* citado inúmeras vezes por Walker).

²⁹ Op. Cit.

http://www.theroot.com/articles/politics/2016/03/in_search_of_pastor_darrell_scott_and_the_church_of_trump/

³⁰ Cf.

http://www.theroot.com/articles/politics/2016/03/in_search_of_pastor_darrell_scott_and_the_church_of_trump/

Ao lado de Chris Christie, governador de Nova Jersey, o nome de Scott Walker é sinônimo de corrupção e nepotismo. Em sua gestão, US\$ 124 milhões em dinheiro do contribuinte foram desviados para 26 dos seus doadores corporativos³¹ ocasionando a entrada do FBI no caso³². Com estreita relação com Charles Koch e David Koch, donos da segunda maior empresa privada dos EUA (Koch Industries), o governador Walker propôs uma legislação para retirar direitos de negociação coletiva dos empregados do setor público e despachou patrulheiros estaduais para perseguir senadores que se negaram a dar quórum numa total violação da Constituição estadual de Wisconsin³³. De fato, a “América merece coisa melhor”.

Marco Rubio, senador pelo estado da Florida e ex-candidato nas primárias 2016, concordou em gravar um vídeo para a Convenção sem endossar apoio ao vencedor. Fica muito difícil dar credibilidade ao discurso de Rubio quando a poucos meses ele afirmou que Trump era “a pessoa mais vulgar a aspirar à Presidência dos EUA”.

Ted Cruz, senador pelo estado do Texas, ex-candidato nas primárias 2016, um dos três *outsiders* aos quadros do partido (Donald Trump, Ben Carson e Ted Cruz), principal adversário de Trump no quesito “obscurantismo”, com certeza roubou a cena na noite num dos momentos mais controversos da história das convenções republicanas.

Cruz não perde para nenhum dos “fracos” deputados brasileiros que impediram a gestão de Dilma Rousseff em nome de “Deus e de suas famílias”. O senador parece ter ressurgido das trevas dos filmes paródia norte-americanos dos anos 1980 para se vingar por Trump ter chamado sua mulher de “feia”³⁴ e ter acusado seu pai de ter ajudado Lee Harvey Oswald a assassinar JFK³⁵.

A espetacularização do sentimentalismo barato de Cruz ao usar a imagem de uma menina de 9 anos que perdeu o pai policial no atentado de Dallas³⁶, pouco mais de uma semana antes do evento, colocando inclusive palavras na boca do pai da menina (“E se esta for a última vez que você me beijou ou me abraçou?”), mostra o perfil de liderança que hoje se destaca no partido republicano (ele ficou em segundo lugar nas primárias). “E se essa agora é nossa última vez? Nosso último momento para fazer alguma coisa para as nossas famílias e nosso país?”

A ambiguidade também é uma marca no discurso do senador, frases como: “Eu quero ver os princípios que nosso partido acredita prevalecerem em novembro”; “vote por sua consciência pelos candidatos que você confia para defender nossa liberdade e fidelidade à Constituição” ou “não temos rei, ou rainha, não temos ditador, nós, o povo restringimos governo”

³¹ Cf. <http://www.politicususa.com/2015/06/24/corrupt-scott-walker-gave-124-million-taxpayer-money-corporate-friends-donors.html>

³² Cf. <http://thinkprogress.org/justice/2011/09/16/321064/scott-walker-corruption-investigation/>

³³ Cf. <http://www.citizensforethics.org/worst-governors-in-america/entry/scott-walker-wisconsin>

³⁴ Cf.

http://www.slate.com/blogs/xx_factor/2016/03/24/trump_mocks_ted_cruz_for_not_having_a_trophy_wife.html

³⁵ Cf. <http://www.politico.com/blogs/2016-gop-primary-live-updates-and-results/2016/05/trump-ted-cruz-father-222730>

³⁶ Cf. <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-36744765>

davam sinais de que era aos “insatisfeitos” com Trump que seu discurso se dirigia. Aos gritos de “*endorse Trump*”, as vaias demoraram a surgir quando a delegação de Nova York percebeu que Cruz não iria endossar apoio a Trump. Como os textos são preparados com antecedência e Trump ou sua equipe leram todos, já aos cinco minutos de seu afamado discurso e, portanto, antes das vaias, as câmeras cortam para imagem de Donald Trump adentrando na arena, obviamente no intuito de desfocar a atenção dada a Cruz. Como se não quisesse sair do palco, desfrutando cada momento, em nome da união do partido, Cruz ajudou a segrega-lo ainda mais.

Eric Trump, vice-presidente executivo das Organizações Trump emerge em seguida na tentativa de chamar novamente a atenção daqueles que ainda pretendem votar em seu pai. Como todos outros filhos do magnata, ele listou traços de caráter do pai que segundo ele é a melhor opção para o “modelo de negócios” que o país precisa: “é hora para um presidente que entende a arte de um negócio e aprecia o valor de um dólar”.

Newt Gingrich, ex-presidente da Câmara dos Deputados, consultor político em diversos *think tanks* conservadores e lobista profissional, entra em seguida de sua esposa e decide lançar seu próprio discurso com uma tentativa de improviso face ao “efeito Ted Cruz”. Embora tenha tentado “consertar” o que Cruz havia estragado, seu discurso foi inautêntico, não acrescentou muita coisa ainda que tenha sido ele um dos autores do “Contrato com a América”, documento divulgado pelo Partido Republicano em razão da eleição do Congresso em 1994 que tornou o partido maioria depois de 40 anos³⁷.

De acordo com o cientista político Norm Ornstein, ligado ao *think tank* conservador *American Enterprise Institute*, um dos primeiros a apontar a perigosa ascensão de Trump, Newt Gingrich e sua luta política pelo “Contrato com a América”, é um dos grandes responsáveis pela decadência do partido e pela escalada trumpista³⁸. Ao estimular um discurso de ódio a Washington, afastando o republicanismo do centro político-ideológico, Newt teria minado a autoridade das lideranças partidárias presentes nos quadros partidários mais jovens. Uma base populista anti-establishment impulsionada por políticas de identidade e uma reação visceral contra os líderes de todos os tipos, brota como um elemento que pode ser a glória ou a ruína de Trump e do próprio partido.

A noite se encerra com Mike Pence, Governador da Indiana, escolhido para a Vice-Presidência. Pence é conhecido pelo seu apoio ao movimento *Tea Party* nascido após a crise da classe média branca estadunidense em seguida ao colapso financeiro de 2008³⁹. Pence se colocou como: “um cristão, um conservador e um republicano - nessa ordem”. Evidentemente, seu discurso foi voltado para legitimar sua escolha como vice-presidente, falou sobre sua origem, sua

³⁷ Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Contract_with_America

³⁸ Cf. <http://www.vox.com/2016/5/6/11598838/donald-trump-predictions-norm-ornstein>

³⁹ A CBS News em conjunto com o New York Times realizou um “survey” sobre o perfil dos partidários do Tea Party. Disponível em: <http://www.cbsnews.com/news/tea-party-supporters-who-they-are-and-what-they-believe/>

família e trouxe dados concretos sobre sua gestão no estado da Indiana. Reafirmou que a dívida pública norte-americana quase dobrou em 8 anos e que Hillary só iria “gerar mais regulação, mais impostos e mais governo”.

O desafio para Pence é gerar a confiança de que Trump e o fracionado “Velho Grande Partido” (*Grand Old Party*) representam a “novidade” e Hillary e o Partido Democrata representam “mais do mesmo”. Em um republicanismo levemente em contraste com o trumpismo, Pence evoca Abraham Lincoln na esperança de reafirmar que os valores originários do partido não foram deturpados ao longo do tempo. Do partido que nasceu da luta contra a escravidão, Donald Trump não difere tanto assim do perfil de “classe de homens extremamente ricos” que veio a liderar posteriormente o partido já durante a Guerra Civil (1861-1865). Porém, sua ascensão representa a revolta da base eleitoral republicana contra uma elite partidária anciã. O partido começou a perder a confiança de eleitores negros durante os dez anos da Grande Depressão (1929-1939) e começou a perder o apoio dos eleitores imigrantes no pós “boom do capitalismo” nos anos 1980 sob a gestão do republicano Ronald Reagan. Na esteira de movimentos como o *Tea Party*, os eleitores brancos de classe média se manifestam contra seus líderes e emerge então a confirmação da dupla Donald Trump e Mike Pence para a disputa presidencial em novembro de 2016.

4

No último dia de convenção, o tema foi como levar a América ao primeiro lugar novamente (*Make America One Again*). Entre os mais de 10 palestrantes, Peter Thiel, ex-diretor e investidor do Facebook, CEO da Clarium Capital (investimentos de fundos de alto risco) e co-fundador da Paypal (e-commerce), assumiu abertamente a sua homossexualidade, tornando-se o primeiro orador em uma convenção republicana a fazê-lo. No entanto, diversamente de Tim Cook, CEO da Apple, que também assumiu sua homossexualidade, Thiel discursou contra as lutas recentes do movimento LGBT, minimizando a batalha travada sobre o acesso das pessoas transexuais aos banheiros públicos.

Tom Barrack, CEO da Colony Capital (investimento financeiro e imobiliário) que serviu na administração Reagan como vice-subsecretário do Departamento do Interior, amigo pessoal, um dos principais financiadores de campanha e sócio de Trump em vários empreendimentos, tal qual os filhos de Trump e outros palestrantes com relações pessoais e profissionais com o magnata, ofereceu uma série de anedotas sobre sua amizade com Trump. Buscou pintar uma imagem de um bom caráter “brigador selvagem”, orientado para resultados concretos.

Ivanka Trump, assim como seus irmãos, apresentou o pai como um “lutador campeão do povo” usando exemplos pessoais para reafirmar o potencial caráter paternalista do magnata. Seu discurso não deve nada para apresentações de “modelo de negócios” tão comum nos ambientes empresariais.

O grande momento da semana política nos EUA, o discurso de Donald Trump, encerra a convenção e entra para a história dos pleitos eleitorais do país como um dos discursos mais assustadores já pronunciados por um candidato à presidência. Acusando um caos generalizado nas cidades norte-americanas, o bilionário ilustrou uma nação às vésperas do apocalipse acusando Hillary Clinton e Barack Obama por quase todas as desgraças nos últimos 8 anos.

Para Trump, Hillary é responsável por facilitar o acesso de armas nucleares pelo Irã; pela renúncia de 30 anos no poder do ditador Hosni Mubarak no Egito (“que mantinha a ordem”); por um futuro “enorme” aumento de impostos; pela morte de policiais no cumprimento de seu dever; pela entrada de imigrantes ilegais no país; pela pobreza e desemprego de jovens hispânicos e afro-americanos; pelo déficit na balança comercial; pelo aumento da criminalidade; por cerca de 43 milhões de americanos sobre o Programa de Assistência de Nutrição Suplementar (uma espécie de “bolsa alimentação”); pelo fortalecimento do Estado Islâmico, etc.

O discurso de Trump foi um grande resumo de todos os discursos apresentados em quatro dias de convenção. Stephen Miller, que escreveu o discurso, é um jovem de 30 anos que adquiriu experiência como assessor de comunicação e escritor de discursos para o Senador Jeff Sessions, senador pelo estado do Alabama que discursou no primeiro dia do evento. Miller é responsável por todos os discursos importantes que o magnata proferiu antes de sua nomeação oficial. Para Miller, “todas as pessoas que se opõem a Trump são responsáveis por tudo o que está acontecendo de errado neste país”⁴⁰.

Não foi do interesse de Miller e do *staff* de Trump suavizar sua imagem e buscar um lugar ao centro do espectro eleitoral. Ele o colocou como o grande xerife em prontidão para agir de forma politicamente incorreta quando o assunto é segurança nacional.

Ao contrário do “ilusionismo” pró-Trump, sua candidatura representa a segregação em todos os níveis possíveis. Por mais que o seu discurso populista tenha por intuito atingir a classe trabalhadora branca refém dos efeitos da globalização, principalmente os eleitores homens brancos dos estados do centro-oeste⁴¹ que abandonaram o partido democrata, são os eleitores homens brancos com alta escolaridade que apoiam o partido de forma mais decidida.

Ao final de seu longo discurso, a “irresponsabilidade” como elemento essencial de sua postura e de suas propostas vagas é corroborada por 43% daqueles que possuem graduação e pós-graduação contra só 16% do eleitorado com ensino médio ou menos. Quem ganha menos de US\$ 50 mil por ano representa 32% dos votos em Trump contra 37% dos que ganham mais de US\$100 mil por ano⁴². Entre os eleitores jovens (18-29), Hillary ganha de 60% contra 30% de Trump, entre as mulheres 59% Hillary contra 35% Trump, entre os negros a vantagem é gigantesca, 91%

⁴⁰ Cf. <http://www.politico.com/magazine/story/2016/06/stephen-miller-donald-trump-2016-policy-adviser-jeff-sessions-213992>

⁴¹ Dakota do Norte, Dakota do Sul, Illinois, Indiana, Iowa, Kansas, Michigan, Minnesota, Missouri, Nebraska, Ohio e Wisconsin.

⁴² Cf. <http://www.economist.com/blogs/graphicdetail/2016/04/daily-chart-14>

votariam em Hillary contra 7% de Trump⁴³. Entre os latinos Hillary também goza de uma ampla liderança, 58% contra 19% de Trump e 77% afirmam que acreditam que Trump é racista⁴⁴.

É possível resumir a Convenção republicana em três palavras: *nacionalismo, proteccionismo e isolacionismo*. Ainda que sejam bandeiras clássicas do republicanismo desde a Guerra Civil, uma base populista *anti-establishment* construída na reação aos 40 anos de domínio da maioria democrata no congresso norte-americano (1954-1994), fortalecidas pela precarização da classe média branca após o colapso de 2008 acenam para um neopopulismo nacionalista em ascensão nos EUA. O trumpismo representa a radicalização dos valores tradicionais da cultura cívica estadunidense cortada transversalmente pelos valores produzidos em instituições como as igrejas protestantes, as forças armadas e a polícia.

Enquanto para muitos analistas, o discurso de Trump teve efeito negativo, em uma pesquisa realizada pela CNN/ORC logo após o final da convenção republicana, 57% tiveram uma reação "muito positiva" do discurso de Trump, 18% tiveram uma reação "um pouco positiva" enquanto para apenas 24% teve "efeito negativo".

Sua ideologia e retórica são comparáveis com a direita radical nacionalista Europeia semelhante ao Frente Nacional de Jean-Marie Le Pen, ao Partido da Liberdade da Áustria de Norbert Hofer ou ao Partido Liberal Democrático de Vladimir Zhirinovsky na Rússia e tantos outros partidos políticos que exploram o nacionalismo isolacionista como resposta aos efeitos da globalização. Basta saber se o radicalismo estratégico do trumpismo será capaz de unir os cidadãos norte-americanos em torno de uma agenda tão pretensamente violenta a uma semana da convenção do Partido Democrata.

⁴³ Cf. <http://www.people-press.org/2016/07/07/2-voter-general-election-preferences/>

⁴⁴ Cf. <http://www.univision.com/elecciones-2016/poll-latin-vote-hillary-trump>